

Foram ao menos 794 os judeus mortos



UMA DAS DITADORAS MAIS FEROZES DA AMÉRICA LATINA ATINGIU PROFUNDAMENTE A COMUNIDADE JUDAICA ARGENTINA, COMO NOS RELATA O LIVRO *Os Judeus e a Ditadura: Os Desaparecidos, o Antissemitismo e a Resistência*, DE HERNÁN DOBRY (FOTO), QUE TAMBÉM ASSINA O TEXTO ABAIXO

A ditadura argentina (1976-1983) foi bem diferente daquelas dos outros países da região, tanto na duração como no nível de violência, de quantidade de vítimas e do impacto que teve na comunidade judaica. Além de ter sido um dos países com maior número de pessoas de origem judaica sequestradas e mortas, também foram os judeus os que opuseram maior resistência contra o regime em todos os níveis, desde os religiosos, na pessoa dos rabinos, até nos meios de comunicação, segundo revela o livro *Os Judeus e a Ditadura: Os Desaparecidos, o Antissemitismo e a Resistência*, que este autor acabou de publicar.

A questão dos judeus desaparecidos é ainda um tema de intenso debate na Argentina em razão do alto percentual que representaram no total dos sequestrados pelos militares durante a última ditadura no país vizinho e porque, salvo algumas exceções, não eram presos, sequestrados e mortos em razão da sua condição religiosa.

No entanto, não existem números confiáveis de quantos foram exatamente porque as estatísticas oficiais não

identificam os mortos e desaparecidos pelo credo religioso que professavam. Além disso, mesmo o número total de trinta mil mortos e desaparecidos geralmente usado pelas organizações de direitos humanos e o governo é uma estimativa, pois não há documentos que o sustentem, o que dificulta ainda mais essa tarefa.

A Comissão Nacional pelo Desaparecimento de Pessoas (Conadep, na sigla em espanhol), criada em 1984 pelo presidente Raúl Alfonsín para investigar os eventos da última ditadura no país, tem o registro de 8.960 casos documentados, e que podem servir de base para uma investigação séria. De todo modo, a título comparativo, é possível confrontar as listas de detenções das instituições judaicas internacionais e aquela da entidade central das comunidades judaica na Argentina (Daia) na época e que apresentou ao juiz espanhol Baltazar Garzón, em 1999.

De acordo com este último documento, o total seria de 794 casos e mortos e desaparecidos embora os organismos de direitos humanos reclamem pelo menos 1.500. A partir desses dados, portanto, o percentual de judeus desaparecidos seria de 8,86% e 5% respectivamente. De todo modo, os dois números são muito mais significativos do que o 1% que a comunidade judaica representava no total da população do país naquele período.

Comparando a relação preparada pela Conadep com as denúncias feitas pela Daia, o resultado revela que os dados são quase idênticos, demonstrando que os judeus mortos e desaparecidos pertenciam aos grupos da sociedade argentina mais prejudicados pela ditadura: profissionais, estudantes, empregados e jovens entre 16 e 30 anos, muitos dos quais eram simpatizantes dos principais grupos de esquerda do país — armados, como os Montoneros e o Exército Revolucionário do Povo (ERP) — ou neles militavam fazendo parte da sua organização, ou atuando nas universidades e escolas secundárias. Essa circunstância levou a que muitos deles se afastassem da vida comunitária e, de acordo com as ideologias da época, se alinharam com a Organização pela Libertação a Palestina (OLP) e contra as políticas de Israel.

A liderança judaica ficava preocupada com este alheamento de parcelas da juventude judaica e de que era prova o esvaziamento de movimentos juvenis judaicos, principalmente os de esquerda, em favor da militância e atuação nas organizações, tal como já havia ocorrido em países vizinhos, como o Uruguai, por exemplo.

Daia omissa?

Dias depois do golpe de estado de 24 de março de 1976, os líderes da comunidade iam tomando conhecimento do desaparecimento de jovens judeus por meio de denúncias feitas pelos pais à Daia, a quem pediam assistência, informações e conselhos. No entanto, os funcionários da entidade encarregados de atender os familiares dos desaparecidos geralmente os maltratavam dizendo que a detenção e consequente desaparecimento dos filhos eram resultado de não lhes ter dado uma educação ju-

daica e sionista. Nenhum deles retornou a Daia, seja por que motivo fosse.

O silêncio da Daia durante a ditadura e o resgate do filho desaparecido do seu presidente Nehemias Resnizky, sequestrado em 1977, só serviu para aumentar as suspeitas. Por este razão, parentes das vítimas, mortos e desaparecidos, até hoje acusam a Daia de cumplicidade com os militares porque foi contrária aos esforços dos organismos internacionais judaicos para denunciar o que acontecia na Argentina.

Até hoje o papel da Daia está mergulhado em controvérsias, entre outras razões porque é uma das organizações que ainda está devendo uma autocrítica a respeito da sua atuação na época. De todo modo e segundo o rabino americano Marshall Meyer, uns dos maiores lutadores pelos direitos humanos na Argentina, é injusto qualificá-los como cúmplices e é necessário considerar o pânico que se vivia na época, antes de qualquer julgamento.

Ao contrário, nas reuniões plenárias a Daia denunciou a atuação do regime e mais de uma vez apresentou ao ministro do Interior listas com os nomes de desaparecidos na esperança de conseguir informações a respeito deles. Neste quesito os resultados sempre foram negativos, mas conseguiram permissão para os rabinos entrarem nas prisões militares para dar assistência espiritual aos judeus presos.

A Daia sugeriu que as entidades comunitárias — escolas, sinagogas, sociedade cemitério, assistência filantrópica, etc. — continuassem funcionando como se nada estivesse acontecendo, ao mesmo tempo em que denunciavam os ataques antissemitas contra as organizações da comunidade e propriedades de judeus, como lojas e fábricas, muito comuns naqueles anos. Nesse ponto tiveram êxito, pois até os partidos políticos continuaram funcionando, não importando se de direita, centro ou esquerda, diferentemente do Brasil, por exemplo, onde foi proibido.

Mas de modo geral sua postura foi de silêncio, aliás, de acordo com a estraté-

Dias depois do golpe de estado de 24 de março de 1976, os líderes da comunidade iam tomando conhecimento do desaparecimento de jovens judeus por meio de denúncias feitas pelos parentes à Daia, a quem pediam assistência, informações e conselhos



FALTA ESCREVER UM BOM LIVRO A RESPEITO DOS JUDEUS MORTOS NO BRASIL; O QUE EXISTE CONTEM ERROS FACTUAIS

gia da embaixada de Israel que clandestinamente resgatava pessoas que corriam o risco de desaparecer. Foi dessa forma que pelo menos quatrocentos judeus conseguiram sair do país via Montevidéu, Assunção e São Paulo, com destino a Tel Aviv.

Além disso, os diplomatas, geralmente do serviço consular, eram os únicos estrangeiros autorizados a visitar os judeus – todos argentinos – nas prisões quando aproveitavam para lhes oferecer ajuda e a possibilidade de sair do país. Para isso, deveriam renunciar à cidadania argentina e receber um passaporte israelense. A ditadura estabeleceu esta condição para libertá-los de acordo, aliás, com o princípio do direito de opção que havia criado e regulamentado.

Contra a ditadura

Mas a diferença do que ocorreu entre os judeus da Argentina em relação aos de outras ditaduras da América Latina foi a atuação de al-

guns dos seus membros na decidida resistência ao regime, especialmente os rabinos Marshall Meyer e Roberto Graetz (que acabou oficiando na Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro – ARI – quando abandonou Buenos Aires em 1980), e o jornalista Herman Schiller. A tarefa realizada pelos rabinos é muito mais conhecida, principalmente Meyer.

No entanto, as ações de Schiller foram esquecidas até na própria Argentina e ignorada em todos os livros a respeito da imprensa durante a ditadura. Ele fundou e dirigiu o semanário judeu *Nuevo Presencia* de 1977 até 1987, e usou as páginas do jornal para uma luta sem tréguas pelos direitos humanos e foi um dos primeiros a publicar na capa do jornal fotos e notícias das Mães da Praça de Maio.

Os artigos, reportagens e entrevistas tratavam de temas que ninguém ousava relatar naqueles anos como os desaparecidos, o antisemitismo e a firme oposição à guerra das Malvinas, de tal modo que era mais lido por não judeus do que pelos membros da comunidade. Por isso, durante a ditadura recebia ameaças por telefone, as oficinas do jornal sofreram dois atentados a bomba, mas a pressão mais forte e insistente partiu dos próprios dirigentes judeus que lhe pediam para moderar a linguagem, mas não conseguiram. Desta forma, *Nuevo Presencia* continuou sendo publicado até o final do governo militar e o diretor Herman Schiller fundou, em 1983, com o rabino Meyer o Movimento Judaico pelos Direitos Humanos (Mjdh) para combater o antisemitismo e pedir pelos desaparecidos.

Suas maiores vitórias foram a participação no ato contra a Lei de Autoamnistia do último ditador, Reynald Bignone (1982-1983), carregando um grande cartaz no qual se lia: “Que apareçam com vida, Movimento Judaico pelos Direitos Humanos”, e duas grandes estrelas de David nos lados. Em outubro de 1983, Schiller e o rabino Meyer organizaram a própria passeata no Obelisco com a presença de mais de dez mil pessoas e que foi a primeira manifestação pública da comunidade judaica na história do país. A convocação para a passeata irritou os dirigentes comunitários que tentaram sem êxito, e por todos os meios, até com anúncios em jornal, de autorizar a convocação e seus autores de modo a convencer as pessoas a não participar. É uma história já esquecida e que meu novo livro resgata do esquecimento. ✨

Hernan Dobry é jornalista argentino e pesquisador da participação dos judeus na história recente do seu país. Escreveu um livro sobre os judeus na Guerra das Malvinas, a respeito do qual a revista *Hebraica* publicou uma entrevista em maio de 2012, sob o título “Malvinas – capelães judeus contra o antisemitismo”

Os diplomatas, geralmente do serviço consular, eram os únicos estrangeiros autorizados a visitar os judeus – todos argentinos – nas prisões quando aproveitavam para lhes oferecer ajuda e a possibilidade de sair do país

D. Filipa
Peças exclusivas para Bar-Bat Mitzvá, Casamentos e Eventos Corporativos

Rua Wizard, 540 - V. Madalena
Fone: 3031-2999 | contato@dfilipa.com.br
www.dfilipa.com.br

Helmuth
COIFFURE

A realização de um sonho, de uma nova conquista.

Um dia inesquecível, que deve ser vivido com toda intensidade.

Temos uma programação inigualável.

Fale com nossas consultoras

R. Pernambuco, 75
3667-3043 / 3826-2064 / 3666-7106

NIVA TUR
AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

CÂMBIO / CHANGE / EXCHANGE
VISA TRAVEL MONEY

<p>VIAGENS NACIONAIS E INTERNACIONAIS.</p> <p>PASSAGENS AÉREAS COM PACOTES PERSONALIZADOS.</p> <p>CRUZEIROS MARÍTIMOS.</p> <p>RESERVAS DE HOTÉIS E RESORTS.</p>	<p>VISA TRAVEL MONEY</p> <p>Uma maneira segura, moderna e econômica de levar dinheiro para viagens.</p> <p>DÓLAR / EURO / LIBRA ESTERLINA / PESO ARGENTINO / DÓLAR CANADENSE / DÓLAR AUSTRALIANO</p>
---	--

PABX: 11 - 3211.7071
Rua Itambé, 410 - Higienópolis - CEP: 01239-000
São Paulo - SP www.nivatour.com.br

BUFFET FRANÇA
www.buffetfranca.com.br

F. 11 3662 6111

refugio **chero demato**
EcoResort & Convention
O Ecoresort mais perto de você!

Lazer & Eventos
(11) 4604-8480 - (11) 4604-8616
(11) 4275-0244 - (11) 8319-3870
www.refugiochero.com.br